

MANUEL VELOSO DE ARMELIM JÚNIOR

*Por* T. de Malta Jotta

Bibliotecário-Chefe da Ordem

No prefácio ao seu exaustivo trabalho sobre o Visconde de Carnaxide, diz Armelim Júnior, por modo diverso, que, no estudo apologético de qualquer homem ilustre, mais do que as ocorrências particularizadas da sua vida e obra, importa destacar o ensinamento moral que de ambas, inequivocamente, se desprende.

Ora isto, que é quase uma trivialidade, ajusta-se, no entanto, com plástica aderência, ao próprio biografado de agora, tanto a longa trajectória por ele percorrida foi uma permanente e fecunda lição, no seu tríplice desdobramento: como advogado, como político e, finalmente, como académico.

Nascido em 1857 nas Velas (pequeno burgo rural de S. Jorge) a sua ascendência parece remontar aos primeiros donatários das ilhas, por sua vez oriundos de uma nobre família italiana — como bem afiança, aliás, a antroponímia do seu apelido. Conta-se na sua genealogia gente de boa linhagem: fidalgos audazes, aventureiros ao gosto da época, meio cavaleiros, meio mercadores, que ajudaram ao amanho de leivas adormecidas e ao cunhar, com definitivo relevo, dos traços que ficaram conpondo o rosto colectivo do bom povo açoreano.

Deixou, na idade moça, a sua ilha natal, para vir cursar Direito em Coimbra (ao tempo, ainda a «fantástica e lendária Coimbra» do divino Eça) e ali, na aprendizagem dos cinco anos contados, conheceu os triunfos escolares de que ele próprio dá desvanecida conta, no depoimento autógrafo que a Biblioteca da Ordem cuidadosamente arrecada.

Trinta anos mais tarde, ei-lo assentando banca de advogado nos auditórios de Lisboa — iniciando assim uma carreira que, salvo alguns breves hiatos, foi verdadeiramente a sua profissão, aquela que mais prezou, numa estreita vinculação, e em que marcou, logo de início, um lugar de insinuantíssimo destaque.

Basta compulsar a lista de quase uma centena de arrazoados forenses — pesquisados e publicados em folhetos ou transcritos nas revistas especializadas — para bem se avaliar da intensidade do seu labor, quer no deslinde de graves problemas jurídicos, quer enfrentando na barra, arduamente, os mais variados e complexos debates judiciários.

Foi, na verdade, um advogado de escol, com intervenção decidida — e quase sempre decisiva — em alguns dos mais famosos processos do seu tempo. Isto, por larguíssimos anos, num leque que se articulou e desdobrou, sem repouso, desde o célebre caso da Irmã Colecta e do seu suposto envenenamento no convento das Trinas (que tanto apaixonou o público de todas as camadas sociais) até ao não menos célebre escândalo do Angola e Metrópole, no desfiar do qual, aliás, já entrado na senectude, viria a ter uma intervenção muito mais discreta.

Houve uma altura em que a política o atraiu, seduzido pelo enfeitante embalo do seu canto. Candidatou-se a deputado às Cortes e, após um primeiro malogro, foi folgadoamente eleito, em outras renhidas eleições, pelo Partido Progressista, nas fileiras do qual militou sempre com a fidelidade de um autêntico conscrito.

Cedo, porém, o desencantou o parlamentarismo da época. Com dificuldade se adaptou à função mecânica que cada um dos seus pares executava automaticamente, naquele sabido sistema rotativo da opposição constante ou do constante aplauso.

Voltou-se então para o jornalismo, com o apego e a confiada esperança que não sentira nunca no pesado ambiente parlamentar. E veio, efectivamente, a conhecer, neste novo avatar, os triunfos que não chegara a fruir, já desfeito o ledó engano, dentro do hemicíclo ruidoso e tumultuoso de São Bento.

A imprensa era ao tempo, mesmo quando trincheira de combate, ainda praticada com certa elegante compostura, embora já ensaiando e experimentando os prélios demolidores que não tardariam a chegar. Acontecia geralmente que, até nas arenas da polémica, as controvérsias das gazetas partidárias se travavam mais no jeito de arremesso de frecha levemente erva-da do que no de disparo atroador, arrazador, de canhão de larga calibragem.

Já se aludiu atrás à condição de académico de Armelim Júnior. Foi-o, com efeito, por mérito absoluto — académico de número — passando a frequentar com assiduidade os plácidos serões da Academia, ora para apresentar comunicações, muitas de índole jurídica, ora para recitar elogios históricos, modelares, que ficaram merecidamente arquivados nas suas Memórias.

Haviam decorrido já largos anos sobre a altura em que, dentro da venerável casa do senhor Duque de Lafões, entrara, a princípio ainda hesitante, um sopro largo e vivificante de ar puro. Aconteceu tal fenómeno certo dia em que os imortais, entreolhando-se, pasmados, naquela atmosfera de estufa (ou de sarcófago?) se deram conta de que fora dela a vida estuava, o Sol aquecia os peitos, e a Primavera regressava em cada ano, aflorante de promessas, como um milagre bendito.

Passara, ia já longe, aquela estiradíssima fase da sua actividade, durante a qual, na hirta solenidade dos seus salões, era muito erudito e muito elegante comentar e decompor filologicamente uma égloga quinhentista ou a cantata de Dido, acomodado o perorante, em postura solene, no damasco cor-de-rosa desbotado de um cadeirão de braços.

E já nem restava lembrança (as polidas páginas dos Anais cautamente o omitiram) do episódio de certo prémio que fora resolvido instituir, aquando do centenário, para a melhor poesia

heróica sobre a descoberta do caminho marítimo para a Índia. A sugestão, como não podia deixar de ser, foi acolhida, no seio do conclave, com aplauso unânime — e logo alguém se adiantou e pediu vénia para apresentar ao certame «Os Lusíadas», de Luís de Camões. Pois, na sessão imediata em que a proposta foi debatida, ela não recolheu o número de votos necessário para vingar, pela ponderosa razão, alegada quase em uníssono, de que o poeta — tinha já falecido...

Hoje, afortunadamente, no trilho de outras similares lá de fora, a remogada instituição, atenta às solicitações do presente, congrega no seu meio autênticos valores, já altamente credenciados muito antes do seu ingresso nela, — por tal circunstância lhe restituindo o papel (que sempre devia ter desempenhado) de activa defensora e firme guarda avançada da irradiação e valorização da cultura deste país.

E, para findar, pois é já tempo disso: foram de tal modo escassos os elementos apurados, que com eles nunca poderia conseguir-se um mais nítido contorno, um retrato de mais aproximada dimensão, da figura de puro quilate que aqui pobremente se rememora.

É de supor, porém, que, dada a sua ténpera de lutador e a despeito da proecta idade que contava, a morte, na sua visitaçáo, o tenha encontrado ainda debruçado sobre alguma das suas amadas tarefas. E assim piedosamente o colheu e levou, com a alma limpa, na grave serenidade de certa tarde outonal (11 de Outubro de 1935) depois de mais um bem ocupado e bem aproveitado dia.